
Práticas de colecionamento e restituição: notas para um colecionismo ético

Collection and restitution practices: notes for an ethical collectionism

José Luís Abalos Júnior e Yuri Schonardie Rapkiewicz

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7013>

DOI: 10.4000/pontourbe.7013

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

José Luís Abalos Júnior e Yuri Schonardie Rapkiewicz, « Práticas de colecionamento e restituição: notas para um colecionismo ético », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7013> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7013>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Práticas de colecionamento e restituição: notas para um colecionismo ético

Collection and restitution practices: notes for an ethical collectionism

José Luís Abalos Júnior e Yuri Schonardie Rapkiewicz

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 24/04/2019

Aceitação / Accepted 02/09/2019

Práticas de colecionamento e restituição: notas para um colecionismo ético

- 1 A cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, é uma metrópole inserida em um processo de desindustrialização ao mesmo tempo em que congrega múltiplas práticas de habitação, usos e apropriações dos espaços públicos e privados. Neste contexto citadino realizamos nossas investigações, ligadas às temáticas da memória coletiva (Halbwachs 2006) das sociedades complexas e, mais especificamente, das disputas em torno de patrimônios culturais e industriais de referência. Estes escritos evocam o cenário de “crise” (Eckert&Rocha 2016; Gómez 2018) no qual encontramos nossos interlocutores e realizamos nossas observações: a zona portuária da cidade e os locais que eram atendidos pelo sistema estatal de transportes ferroviários.
- 2 Assim, esta proposta está em consonância com a tradição de pesquisa com coleções etnográficas (Eckert&Rocha 2013, 2015). O tema das pesquisas é atravessado pela interface das linhas de pesquisa em Antropologia Urbana, Antropologia das Sociedades

Complexas e Antropologia Visual e da Imagem. Os relatos das pesquisas de ambos autores advêm da experiência de participação conjunta no âmbito do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/PPGAS/UFRGS) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS) - coordenados pelas professoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Nestes núcleos, os integrantes dos grupos são orientados para realização da pesquisa com imagens e construção de coleções etnográficas como parte integrante da produção antropológica que praticam. Participamos, neste contexto, de um processo de aprendizado, no qual as imagens figuram como elementos destacados na construção de identidades narrativas (Ricoeur 1991).

- 3 Assim, iniciamos este texto através de um panorama do que entendemos ser um colecionismo ético. Ele vincula-se intimamente com a ideia de restituição no trabalho do antropólogo colecionador (Eckert&Rocha 2013). As práticas de restituição e colecionamento são exemplificadas através de duas experiências vivenciadas pelos próprios pesquisadores que aqui escrevem. A primeira diz respeito a dimensão política do colecionismo em uma pesquisa que teve como tema os projetos de transformação urbana que envolvem a área portuária de Porto Alegre/RS. No segundo caso, relatamos uma outra experiência onde um colecionismo ético relaciona-se com uma dimensão política, estética e expográfica, em que o processo de patrimonialização da memória ferroviária no Rio Grande do Sul apresenta-se como um bom exemplo para pensarmos nas práticas biográficas e museológicas de colecionamento.

Restituição e colecionismo: percursos iniciais

- 4 Quando falamos em “coleccionismo ético” estamos nos referindo a formas éticas de socializar pesquisas etnográficas com imagens. Em uma rápida pesquisa no dicionário a palavra restituição aparece relacionada a outros sentidos como reparação, entrega, devolução e ressarcimento. Ou seja, apesar de ser um termo de recente utilização na Antropologia, o seu entendimento não é. A restituição de nossos bancos de conhecimentos (Eckert&Rocha 2015) pode constituir processos que emergem em resposta às exigências éticas e políticas de nossos processos de pesquisa. O tema da restituição associa-se ao do colecionamento na medida em que antropólogos e antropólogas colecionadores deparam-se com dilemas éticos, estéticos e políticos provenientes do ato de colecionar.
- 5 Se há uma diferenciação entre devolver e compartilhar os dados de pesquisa, o tema da devolução aparece como algo a se “dar em troca” aos nossos interlocutores. Já o compartilhamento, produto de uma ideia de antropologia compartilhada (Clifford&Marcus 1986), implica em uma ação conjunta de nossos sujeitos de pesquisa na produção de nossas coleções. Como produzir, organizar e divulgar coleções ao lado de nossos interlocutores? Se os personagens de nossa pesquisa têm agência frente a organização de nossos acervos (físicos ou virtuais) e se nossos bancos de conhecimentos forem patrimônios etnográficos marcados pela ação deste outro, podemos estar à frente do que chamamos aqui de colecionamento ético.
- 6 A variabilidade de contextos e situações etnográficas associadas aos diferentes sentidos dados à restituição tornam difícil uma sistematização de como esse conceito é articulado na prática de pesquisa de antropólogos e antropólogas. De fato, há uma impossibilidade de se pensar em padrões quando falamos nos modos aos quais pesquisadores restituem seus resultados de pesquisa. O ideal é falar sobre práticas e

experiências concretas nas quais os pesquisadores colecionadores depararam-se com a restituição durante o seu percurso etnográfico.

- 7 Segundo Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, orientadoras de nossas pesquisas e inspiradoras na reflexão sobre o tema, a restituição não pode ser vista dissociada do seu contexto de produção e distante da pluralidade de atores envolvidos nesta prática:

A restituição não é uma atitude unitária; ela ocorre através de várias formas, ações, gestos, processos de partilha que podem ser significativos, tanto para a comunidade dos pesquisadores, quanto para a comunidade de comunicação envolvida, para que possam com estas narrativas, dramatizar seus esforços de interpretação de processos e experiências vividas. (Eckert&Rocha 2014: 39)

8

- 9 Enquanto uma ação ética na prática da pesquisa etnográfica, a ideia de restituição perpassa a história da Antropologia, estando mais catalisada na Antropologia Visual, que se utiliza de imagens do outro pesquisado para produzir conhecimento. Contudo é notável o processo contemporâneo de propagação do tema da restituição para outras áreas da Antropologia, interesse presente desde os momentos formativos e iniciais dessa disciplina.

- 10 Outra dimensão presente na relação entre práticas de restituição e o colecionismo é o que podemos chamar de “estética da recepção”. Indo além de Geertz (2001), que conceituou o trabalho de campo como uma “experiência completa”, chamamos atenção para o “depois” da experiência de colecionamento como um elemento constitutivo da pesquisa que envolve coleções etnográficas. Isto porque há uma espécie de descontrole sobre as apropriações possíveis que nossos interlocutores fazem de nossos trabalhos. Uma coleção etnográfica pode ser recebida, por nossos sujeitos de pesquisa, de modo distinto daquele que a concebemos, e inclusive, pode ter pouca relação com o que foi antropológicamente realizado.

- 11 Quando “devolvemos” nossas coleções aos sujeitos que pesquisamos, o que, de fato, estamos apresentando a eles? Carmem Rial (2014) ao trazer o exemplo de “Balinese Character” e das apropriações que os Balineses fizeram da célebre pesquisa de Gregory Bateson e Margaret Mead, reflete sobre a impossibilidade de manejo das percepções das pessoas com quem pesquisamos.

O gesto de Mead em trazer e doar Balinese Character, eticamente irreparável e elogiável de muitos pontos de vista, entre os quais o de uma antropologia que preconiza o compartilhamento e a restituição, não pode, no entanto, ser tomado como restituição. Margaret Mead devolveu Balinese Character; do seu ponto de vista, tratava-se de uma restituição. Porém, Iketut recebeu um álbum de fotografias, não a pesquisa de Bateson e Mead, não Balinese Character. (Rial 2014: 208)

- 12 Uma das grandes questões refletidas nas tradições de pesquisa em que estamos inseridos dentro do NAVISUAL e do BIEV diz respeito à linearidade temporal da experiência etnográfica. De um ponto de vista geral temos a ideia que a restituição é algo que está no ponto final de nossas pesquisas. Nesse momento devolveríamos nossos dados aos sujeitos pesquisados encerrando um ciclo de trabalho. A ideia de colecionismo ético questiona esse parâmetro temporal linear na medida em que nos coloca uma questão que vai além de “como” restituir. As “descontinuidades temporais” implicadas no ato de colecionar nos levam a pensar no “quando” começamos a restituir e nos contextos etnográficos desta restituição.

- 13 Neste sentido um colecionismo ético, atento às disjunções do tempo etnográfico, provoca-nos a pensar que a restituição não é algo que está localizado no fim da pesquisa, mas é parte de todo percurso do antropólogo colecionador. A restituição e o consentimento, outro elemento ético estigmatizado no “ponto inicial” do percurso etnográfico, são cronologicamente repensados nesta perspectiva. O trabalho com outras mídias, que vão além do formato do espaço livresco, como refletem Eckert e Rocha, é também um elemento importante.

A restituição, por fim, nas propostas apresentadas, tem talvez por mérito maior, criticar a lógica de produção linear do material etnográfico, pautando exercícios não lineares pela descontinuidade material e discursiva, introduzindo a ruptura com a textualidade formal. (Eckert&Rocha 2017: 40)

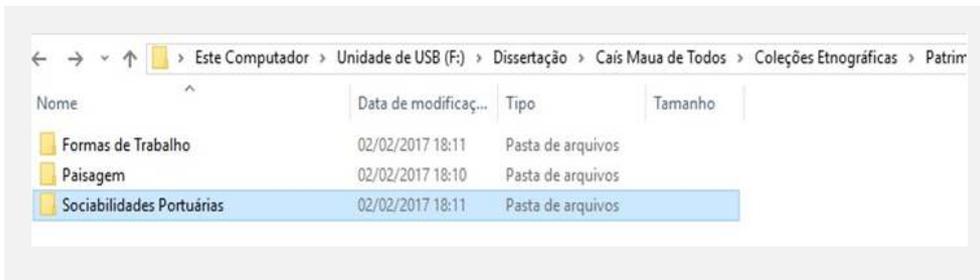
- 14 Trazemos agora dois exemplos concretos de pesquisas etnográficas que buscaram associar a experiência da restituição com a prática de um colecionismo ético. O primeiro diz respeito a uma pesquisa de mestrado em Antropologia Social que teve como tema a revitalização urbana do Cais Mauá, antigo porto de Porto Alegre/RS. Na experiência de contato do antropólogo colecionador com coletivos de ativismo urbano ressalta-se a dimensão política do ato de colecionar. O segundo estudo de mestrado trata da pesquisa sobre o tema das reminiscências ferroviárias e os “desejos de memória” (Rapkiewicz 2018) dos aposentados ferroviários do Rio Grande do Sul. Os fragmentos da biografia de indivíduos etnocolecionadores, atravessados pelas práticas museológicas de divulgação do acervo, aparecem aqui como uma imagem da dimensão estética e expográfica do colecionismo ético.

Um porto em contradição: notas sobre a dimensão política do colecionismo.

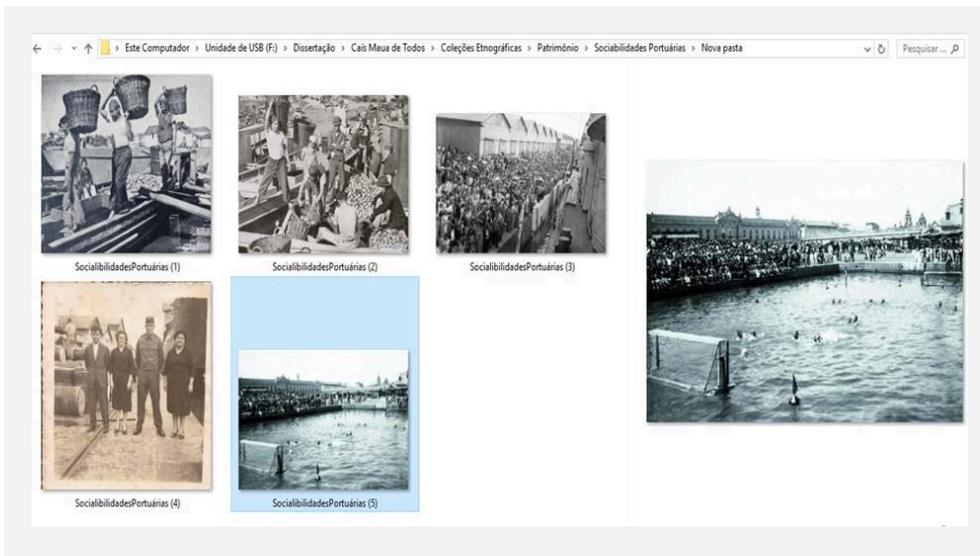
- 15 O primeiro caso corresponde à investigação de Jose Luis Abalos Junior, estudante que participou do BIEV entre 2014 e 2017 como bolsista de iniciação científica, mestrado e, atualmente, doutorado. A imersão no campo foi iniciada no âmbito do mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (concluído em 2017). Em um dos primeiros contatos que teve com os coletivos de ativismo que se mobilizavam contra a proposta de requalificação do Cais Mauá, em Porto Alegre, conheceu Jacqueline. Trata-se de uma ativista que tem uma trajetória histórica nos movimentos de luta pelo patrimônio na cidade. O fato de serem colecionadores de imagens do antigo porto foi um amigável elemento que lhe deu acesso ao tema que viria a se tornar sua dissertação de mestrado (Abalos Junior 2017). Neste momento, se fez presente o entendimento da ideia de restituição (Eckert&Rocha, 2014) como algo que está inserido do início ao fim do trabalho de campo, e não somente como a entrega de um resultado de uma pesquisa etnográfica.
- 16 Este compartilhamento de “visualidades portuárias” teve como produto uma exposição com imagens do antigo porto e objetivou ser uma ferramenta de sensibilização social para as transformações portuárias na orla de Porto Alegre. Dada a ideia de um “reestabelecimento de uma relação dos habitantes da cidade com o porto” apontada pelo empreendimento responsável pela revitalização do Cais Mauá, quais seriam as contradições políticas presentes neste processo de transformação urbana? Um acompanhamento das contradições políticas marcadas por visualidades de conflito é o que o autor propôs relatar.

- 17 As coleções etnográficas estão pensadas na construção de um banco de conhecimento baseado em constelações de imagens nas suas pluralidades de formas. Durante o período de pesquisa, o autor teve acesso a acervos (físicos e virtuais) e, também, produziu muitas imagens. Este acervo, inicialmente guardado em seu computador pessoal, foi gradativamente colocado em plataformas de compartilhamento na internet nas quais os ativistas urbanos, interlocutores de sua pesquisa, adicionavam outras imagens. Fez parte deste processo o compartilhamento do manejo do acervo virtual. Conteúdos e até o nome das pastas eram debatidos conjuntamente.
- 18 O autor exemplifica como uma pesquisa em imagens de acervos pode ser uma boa ferramenta para entrada em campo. Um consentimento alcançado a partir do compartilhamento de coleções teve consequências em todo processo etnográfico. Depois desta etapa inicial, poderiam seus interlocutores “pensar junto” as formas de agrupamentos, os núcleos de sentido e a exposição deste material? Se as imagens do antigo porto geraram uma pequena exposição organizada pelos coletivos de ativistas urbanos, podemos pensar nesse processo de colecionamento como algo relacionado a uma ferramenta política. Esta dimensão dos usos políticos de sua coleção, evidenciada por seus interlocutores, inicialmente não havia sido imaginada pelo antropólogo.
- 19 A adesão do antropólogo ao dinamismo criador das imagens associa-se ao trajeto de produção, geração e circulação de coleções de imagens reunidas em núcleos de significações. A realização compartilhada deste processo é um desafio apresentado pelo colecionismo ético. Entre as pertinências deste método de trabalho com imagens proposto pelo Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS) está a pesquisa do simbolismo das imagens no interior de núcleos de significações, sem reduzi-las ao meio físico e social de onde elas se originam, assim como a extração de formas simbólicas de contextos etnográficos dentro do processo especulativo (registrar, relatar, captar).
- 20 Nesse exemplo de pesquisa o autor procurou imagens em acervos da cidade, produziu fotografias de eventos organizados pelos interlocutores e disponibilizou o acervo na modalidade *open access* em plataformas virtuais. Sobre esse último elemento qualquer pessoa poderia baixar ou inserir imagens relacionadas ao Cais Mauá. Havia a possibilidade de produzir e renomear pastas conforme conteúdos novos iam se apresentando. Aqui podemos ver claramente materializada uma relação íntima que o colecionismo ético tem com a cibercultura no sentido de que a digitalização e a disponibilização virtual de acervos de pesquisa são elementos éticos básicos.
- 21 Uma relação importante dentro dos debates do colecionismo trazida por esta pesquisa diz respeito a uma complementariedade entre pesquisa historiográfica e etnográfica, que se distinguem e se aproximam em uma relação de complementariedade dialética de espacialidades e temporalidades distintas. Cabe aqui refletir que o antropólogo, na figura de narrador (Eckert&Rocha 2015) faz um apelo à memória e consegue trazer para o presente, pela narrativa, aquilo que está distante no tempo (Benjamin 1986). A pesquisa historiográfica, que tem como espaço os acervos da cidade e virtuais, busca entre suas fontes documentos, relatos orais e artefatos arqueológicos uma imagem do passado para trazer presente na forma da textualidade. O etnógrafo urbano capaz de olhar a cidade transformada e ver, por detrás das fachadas novas, as velhas casas que um dia estiveram lá, busca através de um processo de convivência consentida com seus interlocutores o conhecimento traduzido em múltiplas formas de textualidades e visualidades.

- 22 A sensibilidade despertada pelas transformações urbanas, principalmente localizadas no porto da cidade, despertam ora distanciamento, ora aproximação de Porto Alegre aos padrões referenciais da modernidade urbana. Sendo assim a pesquisa relatada entende que o paradigma desenvolvimentista das políticas de transformação do meio urbano é tão histórico quanto suas resistências. Depois de serem digitalizadas, acervadas e disponibilizadas coletivamente mais de cento e cinquenta imagens do Cais Mauá, o antropólogo e os interlocutores de pesquisa começaram a se questionar quais eram as possíveis histórias a serem contadas através daquele conjunto de imagens. As respostas a este questionamento conformaram as propostas expográficas do material. Exposições que foram realizadas em eventos públicos organizados pelos ativistas urbanos. Também foi a partir destas pequenas histórias, contadas através de antigas imagens do porto da cidade, que o autor constituiu os capítulos de sua dissertação.
- 23 Quando o pesquisador buscou os sentidos agregadores dentro do acervo que não era mais “só seu”, mas compartilhado, foi necessário o entendimento de outras propostas de organização deste espaço virtual. Havia outros interesses como o de constituir um acervo que desse conta de imagens de toda orla da capital da gaúcha e não só do seu porto. Como sua pesquisa delimitava no espaço do porto como essencial de discussão essa ampliação de coleção fez o pesquisador repensar seu próprio problema de pesquisa. Os dilemas de um colecionismo ético aparecem na pesquisa de forma que percebemos as potências e dificuldades do trabalho compartilhado com coleções etnográficas.
- 24 Se nossos interlocutores podem ajudar no processo de produções de nossas coleções, o colecionismo ético passa por um contato direto com a alteridade. Na pesquisa relatada que resultou na dissertação de mestrado “Um porto em contradição: memória política, engajamento e revitalização urbana na proposta de requalificação do Cais Mauá em Porto Alegre/RS” foram dois eixos temáticos nos quais, em parceria com meus informantes, o autor categorizou um vasto conjunto de imagens.
- 25 O eixo temático do “patrimônio” foi uma destas coleções que representam uma Porto Alegre e um Cais Mauá antigos que tinham suas transformações associadas aos novos planos diretores e às tensões políticas na constituição de tais. Estas imagens foram retiradas de dois acervos importantes de Porto Alegre: a Fototeca Sioma Breitman, localizada no Museu de Porto Alegre, e o arquivo da Superintendência de Portos e Hidrovias (SPH). A disponibilização virtual do acervo ocasionou uma pluralização destas fontes. Outro elemento significativo é que, quando disponibilizado este eixo temático, outros subgrupos de imagens dentro da ideia de patrimônio foram gerados, como “paisagem”, “formas de trabalho” e “cotidiano”.
- 26 As “ações políticas”, produzidas pelos grupos que o autor interagiu, é outra categoria importante de conexão de sentidos nesta coleção. Algumas narrativas fotográficas foram produzidas pelo autor, outras foram construídas de imagens localizadas na internet dos muitos blogs e sites que visam publicitar a história de Porto Alegre através de suas imagens. No momento da disponibilização virtual de acervo muitas imagens de fotógrafos que acompanham os grupos de ativismo entraram para subgrupos de imagens como “eventos”. Como trabalhar com estas imagens que não eram produzidas dentro de uma perspectiva etnográfica? Eis outro desafio colocado diante deste compartilhamento.



Forma de organização das coleções etnográficas que foram disponibilizadas em plataforma virtual.



O acervo denominado “visibilidades portuárias” fez parte da coleção de Jose Luis Abalos Junior

Memórias ferroviárias: notas sobre a dimensão estética e expográfica do colecionismo.

- 27 O segundo caso corresponde à investigação de mestrado de Yuri Rapkiewicz (2018), pesquisador colaborador do BIEV e Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/PPGAS/UFRGS) entre 2010 e 2018. A imersão no campo foi iniciada no âmbito da graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (concluída em 2014), período em foi mediador estagiário no Museu do Trem de São Leopoldo, cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Na iniciação científica no NAVISUAL, em participação no projeto de pesquisa “A Memória do Trabalho na Cidade Moderno-Contemporânea”, levado a termo pelo Banco de Imagem e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS), realizou pesquisa etnográfica nos bairros industriais Navegantes e Humaitá de Porto Alegre. Os locais abrigavam as áreas de habitação e operação da empresa estatal de transportes ferroviários, a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA). Estações, oficinas, depósitos e garagens de locomotivas. A memória coletiva do trabalho em Porto Alegre, o histórico da Vila Ferroviária e os impasses relativos à formalização e regularização da propriedade das casas pertencentes à extinta RFFSA, foram os assuntos abordados em sua produção etnográfica. (Rapkiewicz & Eckert 2016).
- 28 A ferrovia, intimamente ligada à imagem do progresso, teve importância na gênese de diversas cidades brasileiras, nos processos de urbanização e na consolidação de um projeto de integração nacional. (Flôres 2007) Os primórdios dos trens no estado

remontam à primeira estrada de ferro da região do extremo-sul do Brasil, que foi instalada no Rio Grande do Sul em 1874, sob a autorização do Governo Imperial, que garantiu vantagens financeiras e comerciais para que empresas estrangeiras custeassem a construção da infraestrutura de transportes férreos. Os ingleses foram os precursores nesse sentido, trazendo com eles um vasto e diversificado arsenal: estações pré-moldadas, pontes, máquinas, telégrafos e relógios. Os trens corresponderam a uma alternativa no transporte de gêneros agrícolas entre as regiões produtoras e o porto da capital, ligando os municípios de São Leopoldo e Porto Alegre.¹ (Heinen 1981) A encampação pelo governo do estado em 1920 conflou a criação da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS) – que por sua vez, em 1959, foi absorvida pela Rede Ferroviária Federal (RFFSA), empresa criada para unificar a malha de vias de ferro nacional no governo de Juscelino Kubistchek. Nesta mesma década (anos 1950) o transporte rodoviário começa a ser prioridade do governo federal – a abertura de estradas já era prática associada ao imaginário de progresso desde os tempos coloniais, porém foi na década de 1950 que a indústria automobilística e o transporte rodoviário ganham fôlego. O processo de desmonte da Rede Ferroviária se torna mais perceptível a partir dos anos 1970 com o enxugamento gradual das atividades prestadas pela empresa. Por último as reformas neoliberais dos anos 1990 culminaram na privatização da estatal RFFSA, em 1997, sucateada após quarenta anos de operação. (Flôres 2007).

- 29 A extinta empresa estatal centralizava praticamente todas as operações de trens do país, e era dividida em Superintendências Regionais, sendo a SR-6 a unidade que administrava a região sul do país. A RFFSA, além do avolumado patrimônio físico, contava com políticas especializadas no âmbito de habitação, trabalho, saúde, educação, cultura e lazer, sendo elas mediadas e executadas pelo Departamento de Assistência ao Ferroviário (DAF) da RFFSA. A RFFSA era regulamentada por inúmeras normas, portarias, ofícios, atas e outros materiais de uma realidade burocratizada de empresa.² Hoje alguns desses papéis amarelados pelo tempo abrigam-se nos acervos do Museu do Trem ou nas coleções pessoais de ferroviários aposentados. (uma variedade de papéis, bem como livros, fotografias, telegramas e recortes de jornal.)³
- 30 No contexto presente, empresas concessionárias estrangeiras controlam as operações logísticas de trens no Brasil, responsabilizando-se pelo patrimônio físico da RFFSA em sua totalidade; no entanto, medidas de “modernização” e “racionalização” das atividades empresariais orientadas pelas questões mercadológicas (alinhadas ao ideal neoliberal) resultaram, na prática, na precarização das condições de trabalho, bem como na demissão maciça de empregados, aposentadorias compulsórias, além da extinção dos ramais antieconômicos e no abandono de bens da antiga estatal. Nesse sentido as estruturas que não interessavam mais economicamente, foram tipificadas pela empresa concessionária como “patrimônio não operacional”⁴ Este foi um marco que influenciou no destino de trabalhadores, famílias e materialidades diversas (vias de ferro, vilas ferroviárias, estações, escritórios, locomotivas, vagões, ferramentas de trabalho e documentos). O evento desestatização é evocado como ápice da desagregação da categoria profissional e do assistencialismo da empresa. Fundada em 1957 e privatizada em 1997 a RFFSA somou quarenta anos de história a ser preservada e divulgada.
- 31 Passados vinte anos da privatização, em 2017 a maioria dos trabalhadores já se encontrava com a idade bastante avançada, ressaltando a característica desta etnografia ser uma pesquisa partilhada com interlocutores idosos e aposentados. O

estudo antropológico, iniciado em 2010, acompanhou de perto o museu histórico que representa a categoria profissional no Rio Grande do Sul (Museu do Trem São Leopoldo) e uma agremiação esportiva que nasceu no âmbito da RFFSA – o Grêmio Esportivo Ferrinho, situado ao lado da vila ferroviária. Assim destaca-se a trajetória de um ferroviário aposentado – marcada por lutas e afetividades. Hélio Bueno da Silveira, 76 anos, é uma liderança militante da memória ferroviária, articulador da agremiação cultural supracitada e morador da vila. Este senhor possui um número incalculável de papéis, que eram recorrentemente manuseados nas entrevistas realizadas. Os seus acervos pessoais são organizados à sua maneira, diante das possibilidades de espaço e mobiliário do edifício do Ferrinho, assim, o aposentado conta com a ajuda de voluntários e pesquisadores interessados. O ferroviário Hélio se apresenta com um discurso que pontua “que a ferrovia desempenhou um papel social muito importante”, afirmação reforçada em todos os encontros com o aposentado.

- 32 Nesse contexto, Yuri Rapkiewicz, ao trabalhar com imagens, no seu trabalho de conclusão de curso da graduação, e inspirado nos estudos clássicos de Margareth Mead e Gregory Bateson (1942), condensou suas imagens reunidas em coleções etnográficas, ao longo de quatro anos de pesquisa, no formato de uma exposição itinerante. Banners foram elaborados no formato de pranchas visuais, contendo fotografias relacionadas à presença ferroviária em Porto Alegre. A primeira exposição ocorreu na galeria Olho Nu, vinculada ao Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/PPGAS/IFCH/UFRGS) no Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A exposição, que teve financiamento do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/IFCH/UFRGS), foi montada em outubro de 2013, e teve sua abertura oficial no dia 22 do mesmo mês, ocasião onde três representantes do sindicato dos ferroviários do Rio Grande do Sul, (SINDIFERGS), foram prestigiar os 12 painéis expostos. Ainda que o ambiente de exposição seja no corredor da universidade, foi significativa a presença de ferroviários aposentados durante o período da expografia, inclusive com a presença de Hélio Bueno da Silveira, interlocutor principal da pesquisa.
- 33 Na presença dos visitantes aposentados foi interessante observar como as imagens escolhidas pelo pesquisador “engatilhavam” lembranças e narrativas de memórias vividas durante o itinerário de visitaçao na galeria. Episódios como a percepção de uma ferroviária que reconheceu o antigo ambiente de trabalho e comentou que trabalhou durante trinta anos na localidade, ou ainda, do senhor que deu a escalação completa de um time de futebol, sabendo quem eram os colegas, nome a nome, em uma fotografia encontrada nos arquivos do Museu do Trem. O Museu também sediou a exposição em maio de 2014, integrando a programação da 13ª Semana Nacional de Museus, realizada em São Leopoldo. As pranchas ficaram expostas dentro dos carros de passageiros da Viação Férrea do Rio Grande do Sul [VFRGS] (da década de 1940), abertos à comunidade em geral.
- 34 No que concerne ao Museu do Trem, a história preservada dos ferroviários, hoje aposentados, remete ao protagonismo de indivíduos etnocolecionadores (Rapkiewicz, 2018). Imersos em teias de relações, esses sujeitos compartilham memórias recheadas de nuances. A metodologia da história oral concedeu espaço para as biografias destes indivíduos, trabalhadores que viveram em diferentes municípios rio-grandenses e trazem perspectivas singulares do período de operação da RFFSA.
- 35 Ensemamos assim alguns pontos sobre o projeto cultural interessado na valorização da memória ferroviária, intitulado “A Tecnologia Resgatando a Memória Ferroviária do

Rio Grande do Sul”. O projeto foi financiado pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC) vinculado à Secretaria Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul (SEDAC) em 2016. É no âmbito de sua realização que partimos de uma postura crítica em busca da “releitura do real” substancializada pelas tramas palmilhadas em nosso percurso etnográfico. Nós refletimos sobre algumas questões para o planejamento e a organização de nossas coleções museológicas: como ocorrem os encontros entre pesquisadores e aposentados? que nuances marcam a passagem da oralidade para o registro audiovisual? conseguimos captar e reter os aspectos subjetivos dos sujeitos com os quais interagimos? interessa-nos essa retenção? Nestes termos, lidar com as fontes orais nos remetia a responsabilidade e o cuidado no registro, manipulação e divulgação. Assim, as entrevistas realizadas em cidades da região metropolitana de Porto Alegre colocaram em relevo histórias de vida que abordam particularidades de transformações políticas, econômicas e urbanas de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. As entrevistas roteirizadas e gravadas em vídeo, depoimentos registrados em suporte audiovisual, foram os materiais editados de forma dinâmica: o propósito foi compor vídeos curtos documentais temáticos disponíveis para consulta em um totem multimídia de consulta. A plataforma digital interativa reúne vídeos, fotografias, mapas e informações das estações e ramais férreos do Rio Grande do Sul. Essa foi uma proposta no qual enfatizamos o potencial interativo e pedagógico no uso aplicado de tecnologias audiovisuais no âmbito de museus.

- 36 O trato com fontes orais nos desafiou a observar as memórias de trabalho por vias etnográficas e históricas, avaliando as dimensões éticas e responsáveis que permeiam o uso e a circulação de imagens atreladas às experiências de vida dos aposentados da RFFSA. Proporcionamos acolhimento para uma perspectiva marginalizada, a memória que está inscrita em biografias ameaçadas pela passagem do tempo. Os sujeitos da experiência, enquanto praticantes e viventes de um tempo de trabalho que se transformou, anseiam pela preservação e transmissão das suas histórias. As entrevistas, para além de memórias particulares, contextualizaram campos de possibilidades/quadros de referência e preocupações que são comuns a muitos ferroviários: a manutenção adequada de estações, vagões e locomotivas, a continuidade de reuniões sindicais relacionadas às questões previdenciárias, um olhar crítico sobre a precarização das condições de trabalho no país, a esperança de que retornem os trens de passageiros na forma de passeios turísticos e que se constituam novos museus ferroviários. O projeto “A Tecnologia Resgatando a Memória Ferroviária do Rio Grande do Sul” buscou interlocutores aposentados, dos quais três foram entrevistados: um maquinista, um agente de estações e um artífice da via permanente (setor responsável pela manutenção dos trilhos).
- 37 O totem multimídias, materialidade e resultado final de um processo de colecionismo ético, figurou como um instrumento inovador de restituição, com uma finalidade expositiva e pedagógica. Nesta plataforma digital de consulta, um monitor de tela sensível ao toque de dezessete polegadas, foram reunidas imagens de diferentes suportes e procedências: fotografias de acervos museológicos, coleções privadas de ferroviários aposentados, mapas e inventários de estações de trem elaborados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE-RS), para dar alguns exemplos. Assim, todas as fases do projeto foram realizadas em diálogo com os entrevistados, que não eram apenas consultados em relação à “aceitação ou negação” dos elementos disponibilizados na plataforma digital, mas foram protagonistas na disponibilização de seus próprios acervos, curadoria de imagens,

divulgação da iniciativa nos seus círculos de sociabilidade e agenciamento das imagens colecionadas. Assim, o totem, enquanto materialidade associada a uma prática de representação do grupo de trabalho, repercutiu para além do ambiente museológico, emergiu enquanto um documento referenciado pelos ferroviários em suas demandas coletivas pelas políticas de patrimonialização da memória ferroviária do Rio Grande do Sul.



Interface principal do aplicativo do Museu do Trem disponibilizado para celulares – São Leopoldo/RS - Setembro de 2017 – Fotografia Yuri Rapkiewicz



Hélio, 77 anos, ferroviário aposentado, visita o Museu do Trem – São Leopoldo/RS – Setembro de 2017 – Fotografia Yuri Rapkiewicz



Moisés, Ricardo e Hélio, ferroviários aposentados, são homenageados na inauguração do totem interativo. - Museu do Trem – São Leopoldo/RS - Setembro de 2017 – Fotografia Layza Bandeira

Considerações Finais

- 38 Iniciamos este artigo refletindo sobre o conceito de colecionismo ético e as múltiplas relações que ele pode ter com as práticas de restituição na pesquisa antropológica. Ao pensarmos o tema das coleções e da ética como campos em constante tensão partimos para o relato de experiências empíricas concretas nas quais os pesquisadores vivenciaram questões políticas e estéticas associadas ao ato de colecionar. A composição de nossas coleções repercute como instrumento analítico que enredou narradores urbanos variados, dos quais os antropólogos colecionadores incluem-se na posição de narradores engajados nas lutas relacionadas ao reconhecimento e preservação de patrimônios de referência em Porto Alegre.
- 39 Cabe ressaltar aqui a importância que o espaço formativo do NAVISUAL e do BIEV tem nessas reflexões. A criação de uma plataforma multimídia tem em sua premissa a restituição constante na circulação das imagens pesquisadas é o que nos inspira ao escrever sobre colecionismo ético. Se coleções produzidas a partir dos trabalhos etnográficos de alunos e alunas formados no BIEV já compõem uma “experiência geracional” (Eckert&Rocha 2014), nos entendemos enquanto pesquisadores com uma ligação intelectual e afetiva junto a este grupo de pesquisa.
- 40 Se somos habitados por imagens, é pelas imagens que buscamos restituir a experiência etnográfica. Se há uma vinculação entre práticas colecionismo e restituição é a imagem, nas suas múltiplas dimensionalidades, que conecta as experiências éticas de colecionamento. É um engano pensarmos que temos controle sobre a “alma roubada” (Rial 2014) ou sobre as formas que nossas pesquisas com coleções são acolhidas. O que buscamos, antes de tudo, é uma abertura para novas experiências de colecionismo sem

“objetivar o controle dos caminhos e percursos do patrimônio etnográfico” (Eckert&Rocha 2014).

- 41 Acreditamos que restituir deve ser um traço característico de toda boa etnografia, e não apenas uma alegoria materializada na entrega dos resultados finais de nossos estudos. Assim, a busca de convergência de imagens no ato de um colecionismo ético pode representar uma técnica de pesquisa ética quando praticada de forma colaborativa, compartilhada e, sobretudo, dialogada. Evidenciamos também o caráter do agenciamento político das coleções, por parte dos grupos pesquisados, que se valem das etnografias enquanto documentos que se articulam em finalidades plurais: atestar, legitimar, descrever, registrar experiências, biografias e formalizar o reconhecimento de patrimônios em disputa.
- 42 Seguindo os escritos de Jacques Rancière (2005) identificamos que o ato de escrita é um ato de “partilha do sensível”. Talvez esta seja uma pista ao pensarmos as dimensões destas duas experiências de colecionismo ético: a partilha de nossas coleções é também uma partilha de afetos e sensibilidades. A experiência do colecionamento é portadora de variados sentidos que vão do desapego à maternidade. Como certa vez disse-nos uma querida e criativa professora: coleções etnográficas podem ser um “bebê que vimos nascer”, mas que o criamos para o mundo.

BIBLIOGRAFIA

Abalos Junior, J. L. Um porto em contradição: memória política, engajamento e revitalização urbana na proposta de requalificação do Cais Mauá em Porto Alegre-RS. 2017. 159 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2017.

Bateson, Gregory e MEAD, Margaret. *Balinese Character. A Photographic Analysis*. New York: The New York Academy of Sciences, 1942.

Benjamin, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Obras Escolhidas, v. 1).

Clifford, James; Marcus, George (Org.). *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

Eckert, C. Rocha, A. L. C. *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. Brasília : ABA, 2015.

_____. Antropologia da memória de bairros de “vocação” industrial “em crise”. Pp 95 -192. In: Uriarte, Urpi Montoya; Maciel, Maria Eunice (Org.). *Patrimônio, cidades e memória social*. Salvador: EDUFBA: ABA, 2016. 405 p.

_____. Antropologia da memória de bairros de “vocação” industrial “em crise”. Pp 95 -192. In: Uriarte, Urpi Montoya; Maciel, Maria Eunice (Org.). *Patrimônio, cidades e memória social*. Salvador: EDUFBA: ABA, 2016. 405 p.

_____. *Etnografia da duração*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

_____. Etnografia com imagens: práticas de restituição. *Tessituras*, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 11-43, jul./dez. 2014.

Fabian, Johannes. *O Tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes, 2013.

Flôres, João Rodolpho Amaral. *Os trabalhadores da VFRGS: profissão, mutualismo, cooperativismo*. Santa Maria: Palloti, 2008. 456p. (Estudos Ferroviários; 2).

Geertz, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Gómez, Guillermo Stefano Rosa. 2018. *Etnografia da Crise e da Duração Ferroviária em Pelotas: Um estudo antropológico de memória coletiva*. 238 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Orientação Cornelia Eckert. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179424>

Heinen, Nivea Terezinha. *Introdução ao estudo das ferrovias no Rio Grande do Sul: 1874 - 1905*. Trabalho de conclusão de curso de especialização em História do Rio Grande do Sul, Departamento de História/UFRGS, Porto Alegre, 1981.

IPHAE, Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul. *Inventário das Estações: 1874-1959*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul: pesquisadoras Alice Cardoso e Frinéia Zamin. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

Kuschnir, Karina. "Antropologia e Política". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 22, n. 64, junho de 1997, p. 163-167.

Lord, Lucio. *Nascidos na beira do trilho: um estudo antropológico na Vila dos Ferroviários/Porto Alegre, RS*. *Revista Iluminuras*. Porto Alegre, n.46, 2001, p. 1-58.

PMPA/SMC. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Secretaria Municipal da Cultura. *Pelos trilhos; história da Vila Ferroviária de Porto Alegre*. Editora da Cidade, 2009.

Rancière, Jacques. *Estética e política: a partilha do sensível*. Tradução Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental Org; Ed. 34, 2005. 72p.

Rapkiewicz, Y. S. e Eckert, C. *Entre trilhos e temporalidades: o tempo do trabalho nas memórias dos ferroviários aposentados de Porto Alegre*. In: Cornelia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha. (Org.). *Etnografias do Trabalho Narrativas do Tempo*. 1ed. Porto Alegre: Pallotti, p. 276-303, 2015.

Rapkiewicz, Yuri S. *Cidades, Patrimônios e Etnocolecionadores: uma etnografia das reminiscências ferroviárias no sul do Brasil*. 239 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Orientação de Cornelia Eckert. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10183/182798>

Rapkiewicz, Yuri Schonardie. & Abalos Júnior, Luís José. *Imaginário e restituição no colecionamento etnográfico: convergências de imagens e patrimônios de Porto Alegre - RS*. Trabalho Apresentado no 41º Encontro Anual da Anpocs, no GT 04 - Coleções, colecionadores e práticas de representação, 2017.

Rial, Carmen Silvia de Moraes. *Roubar a alma: ou as dificuldades da restituição*. *Tessituras*, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 201-212, jul./dez. 2014.

Ricoeur, P. *O si e a identidade narrativa. O si-mesmo como um outro*. Campinas, Papirus, 1991

NOTAS

1. Cf (Heinen, 2001. p.) A Porto Alegre & New Hamburg (Brazilian) Railway Company Limited trouxe benefícios à região; as Colônias que a cercavam conheceram a prosperidade graças a esta linha; o desenvolvimento de um intenso comércio; a expansão urbana e industrial da região não pode ser dissociada dos benefícios que a estrada trouxe a São Leopoldo e seu hinterland. O trem foi um elemento modernizador no seu tempo, pois não permitiu apenas a expansão dos núcleos coloniais existentes, mas também por onde passou novos núcleos surgiram, aproximando a zona colonial de Porto Alegre. (HEINEN, 1981, p. 55).
2. Esses papéis eram preenchidos nos escritórios da rede ferroviária; aponta-se ainda para questão da colocação feminina nesses espaços. Segundo depoimento ouvido em campo de uma ferroviária aposentada (que atualmente trabalha no sindicato da categoria profissional), eram salas enormes marcadas pelo característico ruído das máquinas de escrever.
3. O sistema ferroviário foi precursor nos meios de comunicação, já nos primeiros anos da sua implementação, as estradas de ferro foram acompanhadas por linhas de telégrafo. A presença do trem também é comum na literatura e nas letras de músicas até hoje. Por último, é importante que existisse uma imprensa ferroviária consolidada (destaque para revista REFESA, editada pela RFFSA). Hoje, os aposentados garimpam notícias relacionadas à temática ferroviária nos jornais de circulação, Hélio, por exemplo, recorta e guarda inúmeras reportagens que tematizam a ferrovia.
4. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), vinculado ao Ministério da Cultura, ficou com a responsabilidade de gestão e inventário dessa infraestrutura inoperante.

RESUMOS

Esta proposta está em consonância com a tradição de pesquisa com coleções etnográficas advinda da experiência de participação dos pesquisadores no Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/PPGAS/UFRGS) e no Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS). Iniciamos esse trabalho refletindo sobre a ideia de "coleccionismo ético" e suas associações com a dimensão ética da restituição dos dados coletados e da pesquisa etnográfica. Como produzir, organizar e divulgar coleções ao lado de nossos interlocutores? Através de questionamentos como este, delineamos duas experiências de pesquisa por nós vivenciadas. A primeira diz respeito a uma pesquisa sobre os projetos de transformação urbana que atualmente afetam a área portuária de Porto Alegre/RS. A segunda enfoca o tema da patrimonialização da memória ferroviária do Rio Grande do Sul/Brasil. Mediante estas experiências propomos um debate sobre as dimensões éticas, políticas e estéticas do ato de colecionar, esperando, assim, contribuir nos profícuos diálogos sobre colecionamento e ética no âmbito da Antropologia.

This proposal is in line with the research tradition with ethnographic collections derived from the experience of the researchers' participation in the Visual Anthropology Center (NAVISUAL / PPGAS / UFRGS) and the Visual and Image Bank (BIEV / PPGAS / UFRGS). We begin this work by reflecting on the idea of "ethical collectivism" and its associations with the ethical dimension of the restitution of ethnographic research data. How to produce, organize and disseminate collections alongside our partners? Through questions like this we outline two research

experiences we have experienced. The first concerns a research on urban transformation projects that currently affect the port area of Porto Alegre / RS. The second deals with the theme of patrimonialization of the railway memory of Rio Grande do Sul / Brazil. Through these experiences we propose a debate on the ethical, political and aesthetic dimensions of the act of collecting, hoping to contribute to the fruitful dialogues on collecting and ethics within anthropology.

ÍNDICE

Palavras-chave: coleções etnográficas, colecionismo, restituição, ética

Keywords: ethnographic collections, collecting, restitution, ethics

AUTORES

JOSÉ LUÍS ABALOS JÚNIOR

Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS) E-mail:abalosjunior@gmail.com

YURI SCHONARDIE RAPKIEWICZ

Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS)E-mail:yurirapk_@hotmail.com